

# Um dueto sobre gênero, cuidado e Covid-19 na vida acadêmico-científica<sup>1</sup>

## Entrevista com Bárbara Castro e Mariana Chaguri

*A duet on gender, care and Covid-19 in academic-scientific life*

*Interview with Bárbara Castro and Mariana Chaguri*

*Un dúo sobre género, cuidados y Covid-19 en la vida académico-científica*

*Entrevista a Bárbara Castro y Mariana Chaguri*

*Rosamaria Giatti Carneiro<sup>2</sup>*

*ORCID: 0000-0002-1271-7645*

*Milena Batista<sup>3</sup>*

*ORCID: 0000-0002-9813-1273*

*Luciana Calado Rodrigues<sup>4</sup>*

*ORCID: 0000-0002-2724-1301*

*Raquel Vieira Braga<sup>5</sup>*

*ORCID: 0000-0002-0771-8352*

*Amanda Bartolomeu<sup>6</sup>*

*ORCID: 0000-0003-1282-5555*

*Recebido em: 7/03/2022*

*Aceito em: 21/04/2022*

### Resumo:

Esta entrevista foi realizada com as sociólogas Bárbara Castro e Mariana Chaguri, ambas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas das Universidade de Campinas, com o intuito de refletirmos sobre as interseções e particularidades da tríade gênero, cuidado e vida acadêmica durante a pandemia da covid-19. As entrevistadas publicaram, em 2020, o artigo “Um tempo só para si: gênero, pandemia e política científica feminista”, na DADOS. Revista de Ciências Sociais (2020), olhando especificamente para os impactos do isolamento social e sobreposição dos trabalhos produtivo e reprodutivo na vida de mulheres acadêmicas. Partindo dessa reflexão, nos propusemos a aprofundar alguns pontos desse debate, bem como atualizá-lo depois de quase dois anos de pandemia e trabalho acadêmico remoto no Brasil.

**Palavras-chaves: pandemia de Covid-19; cuidado; gênero e vida acadêmico-científica.**

1. Essa entrevista compõe a agenda do projeto de pesquisa Antropo-covid – “Estado, Populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social” (2020-2023) – que é coordenado pela professora dra. Sonia Weidner Maluf e envolve UFPB, UFAM, UnB, UFSC, Unioeste. Somos uma rede de pesquisadores, de várias instituições, ao redor do olhar antropológico para a pandemia da covid-19. Participaram como entrevistadoras e editoras do presente trabalho: Rosamaria Giatti Carneiro, Milena Batista, Luciana Calado Rodrigues, Raquel Vieira Braga e Amanda Bartolomeu.

2. Rosamaria Giatti Carneiro é docente no Departamento de Saúde Coletiva e no Programa de Estudos Comparados sobre as Américas na Universidade de Brasília (UnB). Coordenadora do Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva - CASCA da mesma universidade. E-mail: rosagiatti@yahoo.com.br

3. Milena Sasha Santos Batista é mestranda pelo Departamento de Estudos Latino-Americanos da UnB. E-mail: milenassbatista@gmail.com

4. Luciana Calado Rodrigues é doutoranda em Antropologia (UFPB), graduada em Ciências Biológicas (UFAL), mestra em Ecologia e Conservação (UFS) e em Antropologia Social (UFAL). Pesquisa no CASCA (Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva), LABJUVE (Laboratório das Juventudes) e GruPPAES (Grupo de pesquisa Periferias, Afetos e Economia das Simbolizações), ambos ligados à REAJ – Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis. E-mail: lucianacalado@gmail.com

5. Raquel Vieira Braga é mestra em Ciências Sociais pelo Departamento de Estudos Latino-Americanos da UnB e graduada em Antropologia Social (DAN-UnB). E-mail: raquelvieiracb@gmail.com

6. Amanda Bartolomeu Santos é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UnB e mestra em Antropologia Social pela UFRGS. E-mail: amandabsantoss@gmail.com

**Abstract:**

This interview was performed with the sociologists Bárbara Castro and Mariana Chaguri, both from the Institute of Philosophy and Human Sciences of the University of Campinas, seeking to reflect on the intersections and particularities of the triad gender, care and academic life along Covid-19 pandemic. Back in 2020, the interviewees published the article “A time only for yourself: gender, pandemic and feminist scientific policy”, in DADOS – Journal of Social Sciences, looking specifically at the impacts of social isolation and the overlap of productive and reproductive work in academic women’s lives. Based on this reflection, we proposed to deepen some points of this debate, as well as update it after almost two years of pandemic and remote academic work in Brazil.

**Key-words: Covid-19 pandemics; Care; Gender; Academic-scientific life.**

**Resumen:**

Esta entrevista fue realizada con las sociólogas Bárbara Castro y Mariana Chaguri, ambas del Instituto de Filosofía y Ciencias Humanas de la Universidad de Campinas, con el fin de reflexionar sobre las intersecciones y particularidades de la tríada género, cuidado y vida académica durante la pandemia del Covid-19. En 2020, las entrevistadas publicaron el artículo “Un tiempo solo para ti: género, pandemia y política científica feminista”, en DADOS – Revista de Ciencias Sociales, analizando específicamente los impactos del aislamiento social y la superposición del trabajo productivo y reproductivo en la vida de las mujeres académicas. A partir de esta reflexión, nos propusimos profundizar algunos puntos de este debate, así como actualizarlo después de casi dos años de pandemia y trabajo académico a distancia en Brasil.

**Palabras-clave: Pandemia de Covid-19; Cuidado; Género; Vida académico-científica.**

Bárbara Castro é docente no Departamento de Sociologia da Unicamp e atualmente coordena o Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) do IFCH – Unicamp. Também é pesquisadora associada ao Centro de Sociologia Contemporânea (CSC), ao Núcleo de Estudos de Gênero PAGU e à Rede de Estudos e Monitoramento da Reforma Trabalhista (REMIR-Trabalho). Dedicar-se à pesquisa nas áreas de sociologia do trabalho, usos do tempo, estudos de gênero e feminismos, organização flexível do trabalho (tempo, espaço e contratos atípicos), e aos seus impactos na subjetividade dos trabalhadores e trabalhadoras.

Mariana Chaguri é docente do Departamento de Sociologia da Unicamp, doutora em Sociologia pela mesma instituição, foi pesquisadora visitante no Vietnamese Women’s Museum (2018) e professora visitante na Brown University (2019-2020). Suas pesquisas são na área de Sociologia, atuando especialmente nas áreas de pensamento social e estudos de gênero. É secretária-executiva da ANPOCS, gestão 2021-2022.

**O norte desse dossiê é a interseção entre gênero, cuidado e covid-19. Como pesquisadoras da área do trabalho e gênero, gostaríamos de escutá-las sobre o impacto da pandemia na vida laboral das mulheres brasileiras. Quanto do seu trabalho se adensou na vida de trabalho dessas mulheres? Há algo de novo nessa situação?**

**Bárbara:** Eu tenho feito pesquisas sobre o *home office* desde antes da pandemia (CASTRO, 2013), pesquisas que já mostravam que a realização do *home office* para homens e mulheres se organiza de maneiras muito distintas e aprofunda a intensidade do trabalho que as mulheres realizam, tanto do trabalho remunerado quanto do trabalho não remunerado. As sobreposições dos trabalhos se destacaram na pandemia por conta desse contexto em que mais pessoas dividem o espaço de trabalho doméstico com o trabalho remunerado. Essas sobreposições de tarefas acabam prolongando o tempo de trabalho das mulheres, pois as tarefas que exigem concentração não são realizadas no tempo

adequado, o que faz com que elas estendam a sua jornada, muitas vezes acordando mais cedo ou indo dormir mais tarde, momentos em que a casa está em silêncio, ou também estendendo as jornadas para feriados ou finais de semana. Na última pesquisa que realizei em parceria com pesquisadoras da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (ABET), em parceria com a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ/UFRJ), lidamos com uma base de respondentes muito específica: um recorte de classe média, com alta escolaridade. Nela, ficou muito evidente que as mulheres estão trabalhando por mais tempo e mais dias na semana: 30% das pessoas responderam que estão trabalhando de seis a sete dias por semana, e mais horas por dia, coisa que não faziam antes da pandemia. Além do que, fica mais evidente essa questão do adensamento das tarefas: as mulheres assumiram novas tarefas durante a pandemia.

Isso fica mais evidente para as mulheres mais pauperizadas, das classes populares, já que muitas, inclusive, perderam o trabalho por não ter com quem deixar seus filhos, suas crianças. Acompanhei alguns relatos de mulheres que chegaram a procurar o Ministério Público com a criança no colo falando “olha, não sei o que fazer com o meu filho, preciso trabalhar e colocar comida em casa”.

Quando a gente olha para as mulheres de classe média, o que vemos é que, independentemente das condições materiais diferenciadas que elas têm, houve um adensamento das tarefas no contexto da pandemia da covid-19. Elas assumiram as tarefas da gestão da pandemia, como a higienização de compras, administração da saúde, tanto delas quanto dos membros da família, o cuidado de parentes e amigos... Quando elas têm filhos em idade escolar, são elas que estão fazendo lições de casa junto, são elas que estão acompanhando o processo de escolarização. Então, esse adensamento de tarefas, essa confusão dos

espaços do trabalho remunerado e dos cuidados), uma literatura ampla já mostrava isso, mas a pandemia explicita o quanto esses espaços e tempos sociais estão sobrepostos. Essas informações de pesquisa confirmam as impressões e relatos que a gente vem ouvindo ao longo da pandemia. Confirmam esse viés de adensamento, intensificação do trabalho das mulheres e essa conformação, esse amálgama entre o cuidado e o trabalho remunerado. Há uma sensação que aparece muito forte de redução da produtividade, muitas falam e sentem que a produtividade caiu, a produtividade no trabalho foi reduzida durante a pandemia, muito por conta desse cansaço constante que sentem, esse adoecimento mental e físico causado por esse excesso de trabalho e também pela mudança e os ajustes da pandemia.

**Mariana:** Vou pegar um pontinho do que ela falou ao final sobre essa confusão dos espaços que o trabalho remoto trouxe, que poderia ser uma oportunidade de reinvenção do trabalho produtivo e reprodutivo para homens e mulheres. Mas, na verdade, essa relação do trabalho produtivo e reprodutivo foi refeita dentro de casa. A divisão sexual do trabalho foi absolutamente refeita dentro de casa e a sobreposição dos espaços acabou produzindo o estrangulamento do tempo das mulheres. De uma certa maneira, a pesquisa da Bárbara anterior à pandemia demonstrava isso, que os homens conseguiam produzir um ambiente de trabalho externo, mesmo que muitas vezes dentro de casa. Eles têm um escritório fechado, um tempo de não interrupção. Mas quando todo mundo está dentro de casa, seja estudando ou trabalhando, enfim, talvez fosse uma oportunidade de um redesenho, onde a gente pudesse pensar melhor a relação do trabalho produtivo e reprodutivo, e isso me parece não acontecer justamente por uma diferença baseada em gênero. A fábrica ou o escritório passou para dentro de casa e os homens continuaram numa rotina como se

eles estivessem trabalhando fora de casa, mesmo estando dentro de casa, e as mulheres entraram em um *looping*. E isso tem um efeito: o prolongamento do trabalho remoto foi se mostrando absolutamente penoso para as mulheres. Eu vou reduzir ao caso acadêmico, por exemplo. A gente teve dois encontros virtuais da ANPOCS, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais, e, no primeiro encontro, 57% dos participantes foram mulheres; no segundo, esse número já caiu para 54%. Elas já não deram mais conta de acompanhar um segundo ano de vida virtual, tal qual deram conta no primeiro ano, e a gente tem percebido isso progressivamente. O segundo ano da pandemia foi muito custoso para as mulheres e tenho a sensação, não sei se Bárbara vai concordar, mas conforme a vida foi sendo retomada em alguns aspectos, as crianças voltaram para a escola... Isso foi um caos, eu tenho a sensação de que para as mulheres de classe média e classe média alta que mantiveram seus empregos, esse pé de quem tem filhos, o momento em que as crianças voltaram, minimamente, para a escola ou algum tipo de atividade fora da casa, se tornou uma sobrecarga de trabalho muito grande em termos de participação virtual nos eventos, por exemplo, e até tendo a achar que a volta presencial na rotina acadêmica vai beneficiar às mulheres, porque elas vão poder encontrar um tempo de trabalho fora de casa. Mas enfim, isso me chamou a atenção porque eu achei super curioso como o ganho de participação intuitivo que parece haver na dinâmica virtual só durou um ano. Ele não conseguiu se sustentar para o ano seguinte, a gente pode ter várias hipóteses sobre isso, mas a minha é essa: o prolongamento da pandemia fez com que a divisão do trabalho produtivo e reprodutivo encontrasse um espaço dentro da casa e a gente acabou refazendo uma dinâmica baseada na desigualdade de gênero. Enfim, o trabalho das mulheres acabou sendo um colchão para o trabalho dos homens, até mesmo nessa situação de confusão dos

espaços, aquilo que parecia mais evidente no ponto de vista de quem trabalha em casa e de quem trabalha fora. A gente se refez e me parece que a gente só sobreviveu dois anos de pandemia, justamente porque o trabalho das mulheres foi um colchão para o trabalho dos homens. De uma certa maneira, todas essas funções típicas do feminino acabaram se reconvertendo no que viabilizou a vida das famílias, a vida das empresas, da universidade. Enfim, foi um pouco uma política dos cuidados do feminino que garantiu, de uma certa maneira, seja do ponto de vista macro, seja do ponto de vista micro, a reprodução da sociedade brasileira, em uma ausência completa de políticas públicas, numa completa de privatização do cuidado.

**No artigo que vocês escreveram para a revista DADOS em 2020 (CASTRO; CHAGURI, 2020), vocês se dedicaram a pensar sobre o tempo. De que forma que as mulheres brasileiras tiveram suas temporalidades transformadas e quais as principais consequências disso nas suas vidas?**

**Bárbara:** Eu acho que sempre que a gente fala de borramento de espaços sociais, a gente está falando de borramento de tempos sociais. O tempo não existe sem espaço. Acho que essa é um pouco a defesa que tenho feito nos últimos tempos. A organização do espaço se reflete, no fim das contas, na organização do tempo e é disso que a gente está falando quando pensa nessa experiência específica do trabalho remoto. Tem uma área de especialidade da sociologia que é a “sociologia do tempo”, “sociologia temporalista”, não sei muito bem como traduzir, que vem demonstrando o quanto que a gente tem distintos tempos sociais competindo ou se sobrepondo na organização da nossa vida. A Cristina Carrasco, que é uma economista feminista, fala muito sobre o tempo da reprodução, o tempo do cuidado e o quanto ele tem uma organização que não é cronológica ou cronométrica.

Quer dizer, o tempo do cuidado é um “tempo da surpresa”, é um “tempo da natureza”, vamos dizer assim. Ele é um tempo que não se consegue totalmente domesticar, no sentido de ter uma organização total. Ele é um tempo que surpreende, que se sobrepõe ao tempo cronométrico – que é o tempo do trabalho pago, que é o tempo medido, que é o tempo mensurável, é o tempo que você tem que entregar, cumprir metas, entregar tarefas. A questão que a gente mais debateu no contexto da pandemia é que quando o espaço do trabalho pago e não pago se sobrepõem, esses dois tempos também se abraçam. Sociólogas do trabalho e gênero já destacavam que era impossível viver, para as mulheres, dois espaços e tempos distintos, bem delimitados. Mesmo quando elas estavam na fábrica, elas estavam vivenciando o tempo do cuidado, organizando as tarefas, as questões de compras da casa, de organização das tarefas das crianças ou do cuidado dos idosos. Elas estavam vivendo dois tempos ao mesmo tempo, mas o que a pandemia, a meu ver, explicita, é o quanto essa falta de sincronicidade ou a impossibilidade de sincronizar o tempo do cuidado com o tempo do trabalho produtivo, vamos dizer assim, acaba impondo esse lugar também de sofrimento psíquico para as mulheres, que é o lugar de se sentirem não dando conta, não dando conta nem do trabalho dos cuidados, nem do trabalho produtivo, remunerado. Muito porque para dar conta do trabalho dos cuidados, as tarefas do trabalho pago vão ser interrompidas de meia em meia hora, de 10 em 10 minutos. Isso vem conforme a demanda que vai acontecendo ao longo do dia, da jornada, e que leva muitas dessas mulheres a também desenvolverem estratégias, sejam essas de prolongar o dia, que eu já citei, quer dizer, acordar cinco da manhã para conseguir trabalhar em silêncio, ou ir dormir às três da manhã para conseguir também trabalhar em silêncio, reduzindo saúde, também com isso reduzindo tempo de descanso, tempo de sono. Ou também, uma coisa que já

tinha visto antes e que uma literatura sobre teletrabalho indica, que é a cronometrização, a organização cronométrica do cuidado, fazendo um pouco aquela coisa Super Nanny – não sei se vocês já viram essa série, mas a família chama uma babá para organizar a rotina dos cuidados e ela ensina que você deve ter a hora de brincar, a hora de fazer a lição de casa, a hora que é a hora do carinho, a hora de ficar junto com a criança, mas isso de uma maneira cronometrizada. Passa a se organizar a lógica do cuidado dentro da lógica cronométrica do tempo do trabalho pago, mas isso implode também. É isso que as pesquisas mostram. Arlie Hochschild mostrou isso muito bem naquele livro *The Time Bind* (1997), que é fantástico, justamente porque aborda essas tentativas de controle do trabalho e do cuidado, que implodiam em conflitos dentro da casa, em conflitos dentro da família, em demandas por outras formas de relacionamento que não cabiam dentro dessa fórmula.

Quando a gente fala das temporalidades transformadas, eu acho que é um pouco pensar na explicitação: não é que houve uma transformação, uma mudança, mas eu acho que o que houve foi uma explicitação das diferenças de organização das temporalidades dessas esferas de vida e do quanto elas se tornam, se não incompatíveis, difíceis de serem administradas. Com isso, a gente explicita o trabalho que as mulheres realizam para organizar essas duas temporalidades distintas. Não é só o trabalho da produção, não é só o trabalho da reprodução, mas é o trabalho de organizar essas duas temporalidades, que é o que torna tudo isso muito cansativo. É isso que eu destacaria. Eu acho que não teve uma mudança, mas o que teve foi uma explicitação a partir do momento em que a gente coloca essas duas coisas no mesmo lugar. Isso torna explícita essa sobreposição dessas duas temporalidades.

**Mariana:** Sou uma socióloga do mundo rural, então parece que quando a gente vai

olhar para o mundo rural, isso é evidente. Tem a temporalidade da colheita, tem a temporalidade da natureza e a temporalidade das outras atividades. Parece que quando a gente olha para a vida urbana, isso não existe. Existe o tempo único da modernidade, da metrópole, e acho que a pandemia foi interessante porque ela explicitou que a vida urbana, que a vida nas cidades é composta por múltiplas temporalidades. A questão é que essa outra temporalidade, do tempo do cuidado, mais natural, fora da rotina cronológica do bater o ponto na fábrica, ela era uma temporalidade feminina, basicamente. Ela não era uma temporalidade compartilhada por todos. Então acho que, de fato, a pandemia trouxe a explicitação de que a vida urbana é composta por múltiplas temporalidades. Eu tenho a impressão de que a explicitação dessas múltiplas temporalidades, o efeito principal dela, bate justamente na saúde mental das mulheres, porque se isso se explicitou para todo mundo, alguns tiveram mais oportunidades de fingir que não estavam vendo, de olhar e falar “bom, é difícil mesmo”, e outras não tiveram tanta possibilidade. Essa explicitação é uma bomba. Ela caiu no colo e explodiu na vida, sobretudo das mulheres, sobretudo daquelas que têm tarefas de cuidado, seja porque são mães, seja porque cuidam de algum membro da família, seja porque precisaram enfrentar, talvez, algum membro da família com covid, e precisaram lidar com o luto e com uma série de outras coisas, porque me parece que tem uma outra temporalidade nessa vida da pandemia, que é a temporalidade da internet, que é a temporalidade das redes sociais. Aí parece que, então, se você tem uma vida de classe média, você vai terminar a pandemia como? Falando 10 línguas, lendo Proust no original, fazendo yoga todos os dias de manhã. Você começa com uma loucura, com uma vida que parece que você também tem que dar conta desse outro tempo, que é o tempo do cuidado de si, que você falha miseravelmente, porque é

impossível. Acho que aí tem um *quê* de um sofrimento psíquico, de um sofrimento mental muito grande, já que a frustração, a explicitação dessas temporalidades cruzadas, acho que ela redundou sobretudo em frustração para mulheres que, em um determinado momento, se viram em um *looping* de temporalidade, em um emaranhado de temporalidades cruzadas que elas são incapazes de desmaranhar, porque sozinha é impossível, de fato. Eu tenho um pouco essa sensação de que ao cruzar a explicitação dessas temporalidades, aí eu acho que existe sim uma diferença, uma desigualdade de gênero muito evidente. Isso é explicitado para o conjunto da sociedade, para o conjunto da família, para o conjunto dos empregadores, mas a decisão sobre o que fazer com essa explicitação do cruzamento das temporalidades foi uma decisão absolutamente baseada na diferença de gênero. Então alguns puderam se manter um pouco *blindsight*, foi um processo que alguns puderam continuar a vida do mesmo jeito ou de jeitos com algumas modificações, e outros não puderam. E acho que aí tem esse outro cruzamento dessa temporalidade das redes, que me parece ter sido muito cruel também, porque aí a temporalidade da rede, das redes sociais, essa temporalidade do cuidado de si e aí de padrões mais... aí o céu é o limite! Aí, obviamente, existe uma diferença de classe muito grande, mas eu acho que existe uma pressão dessa outra temporalidade, de que ao estar em casa você deveria cuidar melhor de si, cuidar melhor da alimentação dos seus filhos, cuidar melhor da alimentação de todo mundo.

Como você não tem tempo se você está dentro de casa? Eu acho que isso é um pouco enlouquecedor para a dinâmica familiar e me parece que é justamente... que entram e se tornam muito efetivas as desigualdades de gênero, porque a decisão sobre o que fazer quando toda essa explicitação dessas múltiplas temporalidades aparece, a decisão sobre enfrentá-las ou não, sobre abraçar essa explicitação ou não,

ela acaba sendo uma decisão baseada em gênero. Alguns podem, alguns não podem, justamente por uma questão de papéis sociais aceitáveis de gênero. Não sei. Eu não sei se a Bárbara vai concordar, mas me parece que, ao explicitar essas múltiplas temporalidades que são parte da nossa vida nas cidades, o que me parece que acabou acontecendo é que os papéis sociais de gênero acabaram sendo absolutamente reforçados, de um jeito até anterior, de um jeito mais forte do que existia anteriormente. Aí me parece, Milena<sup>2</sup>, você vai saber me dizer melhor, que o impacto na saúde mental é muito forte, porque você fica em um... você está em um *looping* mesmo. Você está em um espiral. É um espiral de frustração, de não dar conta de nada, de falhar em tudo, de estar sempre cansada e de estar vendo um outro tempo onde as pessoas parecem estar dando conta, onde as pessoas parecem ter conseguido falar cinco línguas, aprender mandarim, sei lá, e por aí vai.

**Bárbara:** Posso só adicionar uma coisa que eu esqueci de reforçar?! Quando a gente fala de pandemia, organização do trabalho, eu acho que tem uma coisa que a gente precisava resgatar, que esse debate ajuda para pensar no tempo, que é a questão da flexibilidade. A gente discutiu muito isso em sociologia do trabalho a partir dos anos 1990, como que os novos postos de trabalho, as novas ocupações permitiam uma flexibilidade na organização do tempo. Teve todo um debate sobre como isso seria produtivo para atrair mais mulheres no mercado de trabalho. Eu fiz uma pesquisa sobre isso lá no meu doutorado, faz um *bocado* de tempo já. O título do livro é *As armadilhas da flexibilidade* (CASTRO, 2016). Era justamente comparar a experiência de homens e mulheres vivendo a organização flexível do trabalho. A ideia da armadilha é justamente essa, porque se desenha ou se apresenta um mundo de possibilidades de ter mais autonomia sobre o seu tempo, quando o que se exige, na verdade, é que a

pessoa tenha uma disponibilidade total para o trabalho. Você entra a hora que quiser, você, na verdade, não necessariamente tem que bater ponto, que é um pouco esse tempo da internet. Quando a gente vê as pessoas que migraram para o remoto, a grande maioria não tem controle. As empresas não têm o controle do tempo de trabalho. Isso vira uma coisa por tarefa ou vira um controle, como Mariana disse, que é isso, mensagem de WhatsApp, e-mail, que se você não responde na hora, onde é que você está? O que é que você está fazendo? Então essa ideia da disponibilidade total atravessa a construção da ideia da flexibilidade, na verdade, porque você pode entrar e sair a hora que quiser, mas você tem que cumprir aquilo que o seu chefe imediato demanda, na medida em que ele demanda. A ideia da disponibilidade total atravessa completamente a desigualdade de gênero. Quer dizer, quem é que está disponível o tempo inteiro para cumprir as tarefas do trabalho? Essa é a pergunta que eu sempre coloco quando a gente fala de flexibilidade. A pandemia explicitou – ou ela, na verdade, apresentou – uma organização flexível do tempo de trabalho, vamos dizer assim, impôs, na verdade, uma organização flexível do tempo de trabalho para quem migrou para o remoto, quando, na verdade, acho que isso ajudou a desconstruir um pouco essa ilusão do autocontrole da gestão do tempo de trabalho. Uma das coisas que aparece nas nossas pesquisas é isso, e aparecia já nas anteriores à pandemia, assim: “estou superprodutiva porque eu tenho disciplina”. Mas aí, quando você vai ver, a pessoa está trabalhando sete dias por semana, 10 horas, 11 horas por dia, e isso exige uma coisa que eu também tenho discutido, e já discuti bastante. Isso exige o quê? Uma corporalidade que é completamente disponível para cumprir essa tarefa.

Então se exige na verdade uma corporalidade que performe um ideal de juventude, que é essa disposição de sempre estar alerta, de sempre estar presente, que

vai de acordo com o que Mariana está falando da questão da saúde, porque isso vai gerar adoecimento. Nenhum corpo dura, permanece dentro dessa performance ideal, que é desenhada, almejada pelas empresas, ou até autoimposta pelos indivíduos, porque em um mercado de trabalho altamente competitivo como o nosso, começa a se organizar uma pressão interna também por bater meta ou por entregar mais. Também por estarmos no trabalho remoto, para mostrar trabalho, para dar visibilidade ao trabalho. Quer dizer: “olha, eu estou aqui no remoto, mas eu estou fazendo”. Esse fazer se torna mais intenso também. E para as mulheres isso compõe um universo ainda mais perverso, que é composto justamente por essa ideia de disponibilidade total, que não está presente na rotina ou no cotidiano delas. Para dar visibilidade para esse trabalho, para se mostrarem disponíveis o tempo inteiro, elas têm que construir essa disponibilidade em cima do atravessamento de outros tempos sociais. Para complementar a ideia do adoecimento, que Mariana destacou tão bem aqui, acho que reforço uma ideia que tenho defendido, que é essa ideia desse outro trabalho. As mulheres estão trabalhando para administrar esse tempo. Isso é altamente cansativo. E aprender a fazer isso é altamente cansativo também. Acho que esse foi um novo trabalho invisível que se tornou visível na pandemia.

**Mariana:** É como se a gente tivesse uma divisão sexual do trabalho dentro da pandemia, dentro do trabalho remoto, que tornou invisível, de fato, aquilo que foi explicitado no começo da pandemia. Então a gente percebe em coisas mínimas. É muito naturalizado já essa disponibilidade total para o trabalho. Outro dia eu estava na organização de eventos e falaram “vamos começar no dia tal”. Eu falei: “mas nesse dia é feriado”. Todos os homens falaram: “Mas e daí?”. Porque ninguém está pensando que é feriado, que a criança não vai ter escola,

mesmo que seja escola virtual. É feriado. É muito interessante quando você, na rotina do trabalho remoto, a minha rotina do trabalho remoto, por exemplo, que é basicamente só relacionada com homens, é completamente diferente, o modo como hoje é absolutamente natural que não existe feriado, que não existe final de semana, que não existe nada, que existe uma disponibilidade plena para o trabalho porque eles estão disponíveis plenamente para o trabalho, porque eles já conseguiram organizar uma rotina na qual esses atravessamentos já não são mais tão impactantes quanto eles podiam ser em 2020, no começo da pandemia. Isso foi se normalizando. Isso voltou a se tornar natural. Eu acho que aquilo, aquela explosão do trabalho de cuidado no começo da pandemia foi se normalizando de tal modo que eu acho que a gente voltou a tornar tudo isso invisível. O que me parece que só consegue sustentar hoje as condições de trabalho remoto quem tem condições ideais de trabalho remoto, então, quem tem uma infraestrutura boa. Para o restante da população é insuportável. Você está vivendo em uma situação completamente insuportável, justamente porque, me parece, não tenho dados de pesquisa, mas intuitivamente e por hipótese, a invisibilização do trabalho de cuidado chegou no nível extremo agora com o prolongamento da pandemia.

**Bárbara:** Só mais uma adição. Se a gente acompanhar os dados da PNAD<sup>7</sup> (Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar) atuais, eles começaram a fazer uma pergunta sobre pessoas que estão indisponíveis, essa é a categoria mesmo, é chamada assim: pessoas indisponíveis para o trabalho. O que são pessoas indisponíveis para o trabalho? São pessoas que têm idade para trabalhar, que até gostariam de trabalhar, mas que, neste momento em que a pergunta foi feita, se está trabalhando ou se está procurando emprego, a pessoa fala assim: não. E não por quê? “Não, porque eu estou

cuidando dos meus filhos”; “não, porque eu estou cuidando da minha casa”; “não, porque eu estou doente”. São essas as respostas possíveis. Na pandemia, a distância entre homens e mulheres indisponíveis para o trabalho aumentou absurdamente. Tem o NPEGen<sup>7</sup> aqui da FACAMP<sup>8</sup>, elas estão fazendo relatórios. São economistas feministas que têm feito compilações e boletins dos relatórios trimestrais da PNAD e têm explicitado dados de gênero e raça do mercado de trabalho durante a pandemia. Então, um dado, por exemplo, do início da pandemia era 60% de mulheres indisponíveis contra 54% dos homens. No final do ano passado era 50% de mulheres indisponíveis contra 37% dos homens. Essa distância vai se mantendo e vai aumentando. Quando você se pergunta o porquê, os homens aparecem lá porque são muito idosos ou muito jovens, ou não têm mais o corpo com o vigor necessário para desempenhar a atividade que ele exercia antes, no caso de homens que estão ali na construção civil ou em tarefas mais braçais, que exigem força do corpo físico, que é o perfil das pessoas que estão disponíveis para o trabalho. Entre as mulheres, 30% respondem que na verdade não estão disponíveis porque estão cuidando dos afazeres domésticos, que englobam todas as tarefas do cuidado. É muito explícito o quanto a indisponibilidade está colocada na pandemia, com essa tarefa que é cuidar daquilo que não se dá conta mais de cuidar fora de casa. Se antes tinha creche, se antes tinham as escolas que demoraram a voltar, enfatizando que são dados da pesquisa no momento em que as escolas não tinham voltado, essas mulheres também ficaram indisponíveis para trabalhar justamente porque o tempo delas tinha que estar dedicado àquilo que o Estado não estava dando conta, que a sociedade não estava dando

*Queríamos ouvi-las um pouco sobre amor e trabalho, afeto e dinheiro, como é que isso se articula ou não se articula?*

**Bárbara:** Sigo as pesquisas da Nadya Araujo Guimarães, da Helena Hirata, que têm olhado justamente para essa dimensão, que é a dimensão da mercadorização, mercantilização do trabalho, dos cuidados. Ou seja, a remuneração de pessoas para cuidar dos idosos, principalmente, que é o lugar que elas têm olhado, e essa fronteira entre afeto, amor, trabalho remunerado e dinheiro. É difícil isolar as esferas de racionalidade. Não é porque a gente vive em uma sociedade capitalista que a gente está orientado unicamente para relações sociais movidas por interesses econômicos. Eu acho que essas fronteiras também são bagunçadas e é isso que impõe, inclusive, esse lugar e essa organização racional e econômica, que ajuda, vamos dizer assim, na composição da invisibilidade desse trabalho. O amor e o afeto aparecem como responsabilidades que recaem sobre as mulheres. Em uma sociedade que hierarquiza as tarefas que são organizadas por uma orientação racional financeira, racional econômica, isso acaba criando essa invisibilização, essa sobreposição do ideal masculino sobre o ideal feminino. Quando a gente vê essa construção social que foi produzida, que é tão recente e tão moderna, entre público-privado, entre a casa e a fábrica e a empresa, que separou realmente no início da Revolução Industrial e no contexto urbano, separou essa vida, muito pequeno burguesa também, das mulheres colocadas no centro da casa e dos homens colocados ali no espaço da rua. Aqui eu vou falar de uma percepção que vem obviamente de experiência de leitura, de pesquisa, mas que

7. O Núcleo de Pesquisa de Economia e Gênero da FACAMP é um espaço de discussão e reflexão de professoras e professores, alunas e alunos, e possui como objetivo a elaboração de boletins, estudos e relatórios sobre as assimetrias socioeconômicas na sociedade brasileira relacionadas ao gênero.

8. Fundada em 1999, a FACAMP é uma empresa educacional de universidades privadas em Campinas, São Paulo.

tas, principalmente, que estão sempre apostando na desinvisibilização do cuidado, pensando na composição do PIB, então, quanto o cuidado ou os afazeres domésticos comporiam para a composição do PIB, por exemplo. Eu acho que isso ajuda a desinvisibilizar no sentido de que mostra a quantidade de trabalho que está envolvida, que está invisibilizada e que também gera valor financeiro, monetizado. Mas eu, particularmente, estou um pouco mais alinhada com Cristina Carrasco, no sentido de que acho que o que pode produzir um maior efeito a longo prazo, na verdade, é essa responsabilização horizontal da sociedade com as tarefas do cuidado, não vinculadas/desvinculadas de gênero. A gente tem uma série de pesquisadoras feministas, pensadoras feministas, que, inclusive, chegavam em um lugar quase ficcional de, inclusive, pensar em corpos híbridos que eram responsáveis pela tarefa da gestação e da reprodução, quase uma ficção científica mesmo, mas um pouco em um exercício de um descolamento do corpo biológico e da tarefa do cuidado. Imaginando uma sociedade assim, na qual os corpos que reproduzem não são necessariamente os corpos das mulheres que estão gestando e que estão responsáveis aí pela alimentação no início da vida das crianças, o que isso poderia transformar em termos de impacto de quem se responsabiliza por aquela vida? Consequentemente, como isso se materializaria no sentido de uma formação de gênero que se descolaria, então, dessa responsabilização pelo cuidado com a vida do outro, compartilhando, na verdade, essa responsabilização? Então, eu acho que mais do que a remuneração, mais do que passar pela esfera da monetização, que obviamente é um trabalho que é contratado em uma sociedade do tipo como a nossa, a capitalista, que é organizada em termos de tarefa, de venda da força de trabalho, e é óbvio que a gente tem que valorizar a remuneração da organização desse trabalho, mas eu acho que, mais do que tudo, a gente precisa realmente reforçar a

conversa sobre uma partilha, um compartilhamento das tarefas que seja mais adequada e desvinculada de gênero, lembrando o tempo inteiro o quanto isso é uma construção social, o quanto o sexo não determina gênero. Obviamente que essa conversa está mais estabelecida dentro da academia, mas enquanto política pública também isso deveria estar presente, o quanto a gente poderia pensar em medidas que fossem nessa direção. Acho que tem coisas muito simples, que obviamente não têm impacto imediato, de se fazer, por exemplo, licença maternidade e licença paternidade com o mesmo tempo. Chamar isso de licença parental, responsabilizar os homens também por esse cuidado. Eu falo da Cristina Carrasco porque a utopia dela não é do corpo ciborgue, como algumas feministas marxistas ali da década de 1970 defendiam, mas a utopia da Cristina Carrasco é organizar a sociedade com a reprodução, o trabalho reprodutivo no centro, e o trabalho produtivo que se encaixe, o tempo cronológico que se encaixa no tempo da vida. Eu iria mais nessa direção. Eu assumo, obviamente, como socióloga do trabalho, que não tem como não pensar o trabalho como cuidado, não necessariamente, de novo, dentro da lógica racional, industrial, cronométrica, que se articula com essa ideia do trabalho dentro de uma teoria marxista que pensa a teoria do valor, pensando na compra e venda da força do trabalho dessa forma clássica, mas ele é um trabalho que é invisibilizado e que é organizado dentro de uma outra lógica e justamente é invisibilizado por estar organizado dentro dessa outra lógica.

**Mariana:** “Cuidado é um trabalho?” Eu responderia que cuidado é um trabalho. Mas que nem toda relação de trabalho precisa ser “mercadorizada”. Essa é a decisão, são duas coisas diferentes. A decisão de “mercadorizar” toda e qualquer relação de trabalho – e acho que minha vida de socióloga rural de novo volta à cena –, nem todo trabalho do campesinato é um

trabalho “mercadorizado”, necessariamente. E entra num ponto que a Bárbara estava colocando muito bem, que é, sim, se o cuidado é um trabalho, mas nem toda relação de trabalho é “mercadorizada”, isso impacta essa divisão entre público e privado. Esse é o nó da discussão sobre cuidado. Justamente porque ela faz com que o cuidado não seja um tema das relações face a face, das relações privadas, das relações entre homens e mulheres, mas ela precisa ter um terceiro ator aí, que é o Estado. Se a gente tem uma nítida separação entre público e privado, na qual todo cuidado é privatizado: cuidar das crianças, dos idosos, da comida, do transporte. Se tudo isso é uma tarefa privada, ao qual o Estado renuncia completamente, a gente tem um problema muito sério, de fato, porque aí a gente tem uma sobrecarga de trabalho evidente para as mulheres. O trabalho de cuidado vai deixar de ser tão penoso e tanta sobrecarga sobre as mulheres, na medida em que o Estado entre em cima efetivamente e seja capaz de ser um colchão para o trabalho de cuidado. O trabalho reprodutivo é fundamental para a sociedade. Ou o Estado e as políticas públicas agem como um colchão que permitam pactos pessoais privados familiares um pouco mais equilibrados, ou isso vai ser sempre muito difícil ou sempre depender de voluntarismo entre homens e mulheres. Estou pegando nesse ponto da separação entre público e privado porque, voltando aqui para o mundo rural, as feministas do mundo rural ajudam a entender isso, justamente batem na tecla da não separação do público e privado dessa maneira, elas dizem “eu quero cuidar da minha casa, eu não quero sair de casa, eu quero trabalhar em casa, mas eu quero que a minha casa seja organizada de outra maneira, quero uma outra dinâmica de relações familiares, uma outra dinâmica de autoridade dentro da casa”. A invisibilização do trabalho de cuidado tem muito a ver com isso. Como é um trabalho menor/acessório/complementar, ele no geral é o trabalho de quem tem menos

ascendência, menos poder de decisão. Independente até de remuneração. É aquele trabalho menor, que não conta, das horas vagas, ainda que ele tome todo o tempo de alguém. São pontos interessantes para gente pensar. O cuidado é um trabalho, mas ao mesmo tempo ele está assentado num pacto da diferença entre público e privado, que 1) ela é muito funcional, do ponto de vista do funcionamento de um Estado que renuncia à sua tarefa de proteção social, 2) é muito funcional para um mercado que quer corpos absolutamente disponíveis o tempo todo. Então, se alguém está absorvendo o trabalho de cuidado às custas de saúde física e saúde mental, o que quer que seja, tanto melhor. Se alguém está renunciando a tudo isso e vai viver uma vida absolutamente disponível para o trabalho, tanto melhor também. De novo, voltamos ao terreno das frustrações. Se tudo isso se torna uma conta pessoal, privada, de mulheres, sobretudo, aí isso vira coisa. A gente entra nessas questões. O que é amor? O que é carinho? Junta o nível de sofrimento, que é aquela dúvida de saber se “será que sou realmente amada pelos membros da família ou só uma máquina que está cuidando de todo mundo?”. É um pouco esse abandono de si que muitas mulheres vão sofrendo ao longo da vida, sobretudo mães, quando vão envelhecendo. Isso se torna uma discussão muito privada, muito pessoalizada, de fato, mas por que a gente está organizando? Esse é o ponto que Bárbara bem colocou a partir do trabalho da Cristina Carrasco, que é: ou a gente coloca trabalho reprodutivo no centro da vida social – o que significa que a gente repactua a divisão de público e privado, nas esferas do Estado, na esfera do mercado, na esfera da sociedade, e não só na esfera da família – ou é muito difícil a gente ficar nesse *looping*.

**Bárbara:** Uma coisa que falamos, mas não de maneira direta: o quanto tem uma lógica muito perversa do confinamento na pandemia, que é a suposição que esse governo

tem, inclusive, de que a família é um lugar de harmonia, quando na verdade uma ampla literatura tem destacado o contrário. Família é um lugar de conflito, de relações conflituosas, de contradições, de violência, então, pensar o futuro do trabalho também passa por esse reconhecimento, de entender também que essa experiência do trabalho remoto, por mais que esteja sendo – vou usar um vocabulário empresarial aqui – “vendida” como um “case de sucesso” para as mulheres, tem muita gente falando sobre isso, novas oportunidade para articular trabalho e família, olha o quanto a gente aprendeu, acho que o que tenho a dizer é... A pandemia pouco mudou. Gente que fica pensando: o que a pandemia impacta? O que a pandemia muda? Acho que a pandemia só revela, ela só explicita as nossas desigualdades. E no momento em que o país está em plena desconstrução de seus pactos de direitos, sociais, e de derretimento do mercado de trabalho, eu acho que a gente tem que sair um pouco do foco da pandemia e olhar para esse das desigualdades estruturais.

**Mariana:** O futuro, o que espera as mulheres, em particular, do ponto de vista do trabalho intelectual, acho que as mulheres vão retomar o trabalho agora exaustas, o que não necessariamente vai acontecer com seus pares homens, porque acho que eles estão num lugar mais confortável, mais estável, muito mais habituados à dinâmica. Então eu tenho a impressão de que a retomada vai ser muito desigual a partir de uma diferença de gênero. Isso me parece importante. Assim como a migração para o trabalho remoto marcou uma diferença de gênero, a retomada do trabalho presencial também está marcada por uma diferença de gênero, muito significativa. O futuro do trabalho para as mulheres na universidade me parece um futuro muito cansado. São mulheres cansadas. Tentando refazer e muito preocupadas com o refazer a comunidade, com o acolher, com o cuidar. Não estou dizendo que os colegas homens não

fazem isso, mas é uma questão de expectativa. Seria muito importante uma retomada que levasse em consideração os impactos da pandemia para, principalmente, mulheres em começo de carreira com crianças pequenas.

## Referências bibliográficas

CASTRO, Bárbara. Mães trabalhando em home office: embaçamento de fronteiras e construção de arranjos flexíveis para o cuidado dos filhos. In: 36º Encontro Anual da ANPOCS, 2013, Águas de Lindóia - SP.

CASTRO, Bárbara. As armadilhas da flexibilidade. Trabalho e gênero no setor de Tecnologia da Informação. Editora Annablume, 2016.

CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Mariana. Um tempo só para si: gênero, pandemia e uma política científica feminista. Blog DADOS, 2020.

HOCHSCHILD, R. Arlie. The time bind: When work becomes home and home becomes work. New York: Metropolitan Books, 1997.